

Necromancia

A arte de fazer adivinhações por meio da comunicação com os mortos é destaque desta edição d'O IDEAL. Nesse texto, são recuperados os fatos históricos, desde a Antiguidade clássica até o surgimento do Espiritualismo Moderno, a fim de compreender como a comunicabilidade com os Espíritos desencarnados é uma ação que marca diferentes povos, em distintos momentos do desenvolvimento da humanidade. O artigo ressalta a função desse intercâmbio como prática espírita e, ainda, a relação com os processos obsessivos.

Páginas 3 a 5



Fonte: Crescermais.

Poesia pela paz

Os versos do monge Preah Maha Ghosananda constituem uma prece de exaltação da paz, considerando o amor como única possibilidade de neutralização do ódio.

Página 8

▼ Editorial

O IDEAL retrata a insensibilidade diante da morte, especialmente quando causada por circunstâncias criadas para visar ao lucro acima de tudo2

Abordagem espírita do HIV e da Aids

Passados mais de 40 anos desde a descoberta do vírus, ainda é comum nos departamentos com diversas situações preconceituosas e discriminatórias relacionadas às pessoas que vivem com HIV, o vírus causador da Aids (síndrome da imunodeficiência humana). Essas circunstâncias são frequentes, até mesmo, no movimento e nos estudos espíritas. Neste artigo, Gabriel Lopes Garcia analisa dois mitos espíritas recorrentes sobre HIV-Aids, que precisam ser desconstruídos para que o movimento seja mais coerente, inclusive, com a própria proposta espírita.

Confira as novidades e participe!

 ide-jf.org.br

 ide@ide-jf.org.br

 @IDEJF

 "Lives IDE-JF"

 @ide-jf

 @ide_jf

 @idejf



**COMUNIDADES
LIDERANDO**

 DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A AIDS

 UNAIDS



Fonte: Unaid.

Páginas 6 e 7

Atividades do IDE-JF

Atendimento Fraterno

Quinta-feira: 20h
Sexta-feira: 14h30 e 18h

Biblioteca

Quinta-feira: 19h30 às 21h30
Sexta-feira: 14h30 às 16h
Sábado: 18h30 às 20h30

Grupo de Apoio

Segunda-feira: 20h

Espiritismo para Crianças e Mocidade

Quinta-feira: 20h
Sábado: 19h
Domingo: 9h30 às 10h30

Farmácia/CAEC*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

Bazar*

Sábado: 9h às 11h30

Grupo de Higiene Mental

(on-line)

Terça-feira: 19h30

Passe

Quinta-feira: 20h
Sábado: 19h

Tratamento Magnético

Sexta-feira: 15h e 18h30

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Espiritismo de uma forma mais simples</i> , Allan Kardec/IDE-JF	Graça Paulino	Domingo, 9h30 Presencial
Cartas de Paulo	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h Presencial
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Quinta, 19h Presencial
<i>Revista Espírita 1862</i> , Allan Kardec	Myrian Jorio	Sexta, 20h On-line



**PALESTRAS
PÚBLICAS**

Quinta-feira | 20h

Sábado | 19h

É recomendável o uso de máscara de proteção facial durante todo o tempo de permanência na casa.

Taylor Swift, calor e morte

O noticiário brasileiro fez uma ampla cobertura da turnê “The Eras Tour” da cantora estadunidense Taylor Swift, que passou pelo país em novembro. A jovem Ana Benevides tinha 23 anos de idade e cursava Psicologia. Ela viajou para ver o *show* de sua artista favorita e terminou morta depois de desmaiar em um estádio que, dentre outras coisas, teve suas passagens de ar cobertas por tapumes.

É repugnante a ação da empresa que organizou o evento: proibiu as pessoas de entrarem com água, em uma espaço com sensação térmica de 60°C, para vender garrafas a preços caríssimos e maximizar os lucros de um *show* cuja meia-entrada já custava 500 reais. Cerca de mil pessoas desmaiaram durante o evento; a cidade estava no meio da onda de calor que assolou o país na época.

Para os organizadores, a vida humana só tem valor como geradora de receita; a morte da jovem foi apenas um inconveniente pelo qual ninguém foi responsabilizado no final. A cantora fez uma exibição pública protocolar com a família de Ana, para fingir alguma preocupação, e continuou a turnê, indiferente, como se nada demais tivesse acontecido. E muitos fãs alienados seguem na sua idolatria, sem qualquer indignação pela forma como foram tratados.

Esses acontecimentos revelam como a ganância produz insensibilidade frente às necessidades e aos sofrimentos dos outros. É por isso que o Espiritismo enfatiza o combate ao egoísmo como uma das tarefas urgentes da humanidade. Combatê-lo dentro de nós e transformar as instituições que o incentivam. Destruir o egoísmo é bastante difícil, mas é uma chaga social que precisa ser gradualmente extirpada para que haja paz e felicidade no planeta.

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa
Departamento de Comunicação: Allan Gouvêa e Gabriel Lopes Garcia
Departamento Doutrinário: Geraldo Marques e Myrianceli Jorio
Departamento Editorial: Angela Araújo Oliveira e Elisa Marques da Costa
Departamento de Evangelização: Janezete Marques e Lucas Rieger de Oliveira
Departamento Mediúnico: Juliana Martins Nader Leite e Léia da Hora
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Graça Paulino

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com
Departamento de Comunicação: Allan de Gouvêa Pereira e Gabriel Lopes Garcia
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG
Editoração: Angela Araújo Oliveira
Publicado em janeiro de 2024.
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF. /

Necromancia

Necromancia é conhecida como a arte de fazer adivinhação através da comunicação com os mortos (Espíritos desencarnados). A origem do termo vem do grego clássico: *necro* (νεκρός *nekrós*) = "morte" + *mancia* (μαντεία, *manteía*) = "adivinhação", que algumas vezes é traduzido como nigromancia. Por se considerar mesquinhos os interesses comuns que a motivam (desvendar segredos do passado e do presente, adquirir conhecimentos místicos, evocar proteção especial e obter profecias, leitura da sorte para o futuro etc.), a prática dessa arte é normalmente vista pejorativamente, por vezes associada ao ocultismo, à magia negra, à feitiçaria e, de certa forma, ao xamanismo.

Os médiuns e os praticantes espíritas em geral são eventualmente reputados pelos seus acusadores como necromantes, embora os fundamentos do Espiritismo façam uma evidente distinção de propósitos: enquanto a necromancia objetiva valores de interesse da vida terrena, a mediunidade espírita se orienta conforme valores superiores, tais como a instrução intelectual e a motivação moral, em vista da evolução espiritual, bem como a confraternização e realce dos laços afetivos entre encarnados e desencarnados. Entre os métodos usados pela necromancia, figuram-se a cartomancia, o tabuleiro ouija e o jogo de búzios.

Necromancia ao longo da história

Pelo que se sabe, a mais remota menção ao termo *necromancia* — νεκρομαντεία (*nekromanteía*) — é a do teólogo grego

Orígenes de Alexandria (185-253 d.C.), embora, por outros termos, a arte de evocar e consultar os mortos seja relatada em poemas bem mais antigos, por exemplo, na *Odisseia* de Homero (cerca do século VIII a.C.): para encontrar o caminho de volta para casa, depois de participar da épica guerra de Troia, Ulisses se vale da feiticeira Circe para evocar o Espírito Tiresias.

Registros históricos dão conta da vulgarização da necromancia especialmente nas antigas civilizações do Egito, Babilônia, Grécia e Roma, onde era feita por pessoas comuns ou através de necromantes de ofício – mais frequentemente mulheres – como as chamadas sacerdotisas, pitonisas, feiticeiras etc.

O Judaísmo instituiu a absoluta proibição à necromancia. Em *Levítico*, 20:27, Moisés deixa explícito: "Quando, pois, algum homem ou mulher em si tiver um espírito de necromancia ou espírito de adivinhação, certamente morrerá; serão apedrejados; o seu sangue será sobre eles." Apesar disso, Saul, rei de Israel, fez uma feiticeira de Endor evocar o Espírito Samuel (um profeta judeu recém-falecido), jurando a ela garantias de que não seria molestada por causa daquela evocação (I Samuel, 28:3-25). Se, por um lado, a lei mosaica proibia a mesquinha necromancia, por outro, em se tratando de propósitos nobres, Moisés não apenas sancionava a comunicação com os mortos – então chamada de profecia – como também a exortava, tal como o fez a exemplo do caso dos médiuns Eldad e Medad (Números, 11:26-29), ao

Portal Luz Espírita

que, Josué, auxiliar de Moisés, exclama: "Quem dera todo o povo do Senhor fosse profeta". A lei judaica vai influenciar o Cristianismo e toda a cultura Ocidental moderna, colocando a necromancia no escopo de bruxaria e satanismo.

Na Era Medieval, em sintonia com essa orientação religiosa, praticamente todos os estados europeus vão caracterizar em seus códigos de justiça a prática da necromancia como crime. Em decorrência disso, surgiu logo mais adiante, em grande parte da Europa, um movimento de alta perseguição contra a necromancia e outras práticas místicas, que ficou conhecido como caça às bruxas, perdurando com mais força entre os séculos XVI e XVIII e, segundo estimativas, matando cerca de 50 mil pessoas.

Já com o afrouxamento das leis, uma nova onda de evocação de mortos se deu por ocasião do movimento chamado Espiritualismo Moderno, em meados do século XIX, como ficou caracterizado no fenômeno das Mesas Girantes. Originada naquela época, a Doutrina Espírita também foi acusada de necromancia, levando o seu codificador — Allan Kardec — a frequentemente refutar tal associação, como o fez por várias vezes em sua obra literária.

"A crítica malévola representou as comunicações espíritas como mescladas pelas práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia; se esses homens que falam do Espiritismo sem conhecê-lo se dessem ao trabalho de estudá-lo, teriam poupa-

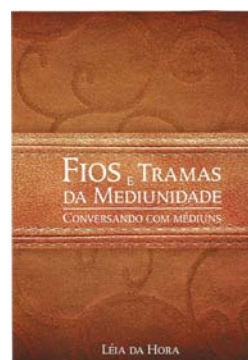


**Fios e tramas da mediunidade:
no âmbito da reunião
mediúnica** (2018)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:
conversando com médiuns**
(2012)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

do esses desperdícios de imaginação, que só servem para provar sua ignorância ou má vontade. (...) O apelo aos Espíritos faz-se em nome de Deus, com respeito e recolhimento; é a única coisa que se recomenda às pessoas sérias que desejem entrar em relação com Espíritos sérios."

- Allan Kardec, *O que é o Espiritismo* - cap. II, item 49.

Rituais necromantes

Na Antiguidade, cria-se que, uma vez morto, a entidade – ou pelo menos os mais nobres – revestia-se de grande poder místico e infinito saber, bênçãos essas que poderiam ser derramadas sobre os evocadores ou sobre os parentes que contratavam os necromantes de ofício. Daí a recorrência de tal arte. E, não raro, em prol dos supostos benefícios provindos dos mortos, os envolvidos faziam oferendas e os mais diversos sacrifícios.

A associação que se costuma fazer da necromancia com a bruxaria tem origem nos métodos vulgares de que os antigos necromantes utilizavam nas evocações. Supondo angariar maior poder para "trazer o Espírito" para uma consulta, os evocadores valiam-se de pertences materiais do morto e de posses deles executavam diversos rituais – alguns deles muito macabros. De acordo com textos antigos, o necromante também poderia cercar-se de aspectos mórbidos da morte, que muitas vezes incluía vestir roupas do finado, exumar o cadáver, manipular a ossada e até mutilar e consumir os restos mortais do falecido. Isso porque se acreditava que os recém-falecidos eram mais facilmente propensos a se manifestar.

A partir do Espiritualismo Moderno, os rituais e aparatos mórbidos foram sendo deixados de lado e a preocupação com os processos de evocação basicamente se limitava ao modo de interpretar a mensagem espiritual. Com os Espíritos que se manifestavam através de efeitos físicos, como batidas nos móveis e transporte de objetos, os evocadores estabeleciam códigos. Nas sessões pioneiras das Mesas Girantes, por exemplo, perguntas feitas pelos evocadores poderiam ser confirmadas pela entidade espiritual com a produção de duas pancadas e negadas com uma. Quando queriam que o Espírito ditasse uma palavra ou frase, associavam um determinado número de pancadas para cada letra do alfabeto.

Adiante, sistemas mais sofisticados foram desenvolvidos, como aquele que distribuía letras e números sobre a mesa e no entorno deles se colocava um objeto apontador, como um copo ou um ponteiro, a ser movido por ação do Espírito, indicando a sequência de caracteres a fim de formar palavras e frases.

Em processos mais simples, o necromante — quando dotado de capacidades mediúnicas — pode absorver mentalmente a mensagem do Espírito comunicante e retransmiti-la, por exemplo: oralmente (no caso de psicofonia) e por escrito (psicografia).

Comunicabilidade dos mortos e o Espiritismo

A questão da necromancia nos remete naturalmente para o princípio da comunicabilidade espiritual — quer dizer, a capacidade de interação entre os homens (almas encarnadas) e mortos (Espíritos desencarnados). A crença nesse princípio

é intuitiva e está presente desde as culturas mais longínquas. A possibilidade de interagir com os mortos foi amplamente cultuada pelas civilizações antigas e permaneceu viva no inconsciente popular mesmo na Era Moderna, apesar do avanço das ideias materialistas, especialmente entre os séculos XVI e XVIII.

Com o advento do Espiritualismo Moderno no século XIX, a consulta aos mortos não apenas voltou à tona como até virou moda nos salões dos grandes centros urbanos, notadamente nos EUA, na Europa e no Brasil. Os adornos místicos, os rituais sinistros e os sacrifícios sangrentos da antiga necromancia deram lugar a um novo padrão de oraculismo: no lugar dos característicos necromantes, pessoas comuns — inclusive das classes sociais mais elevadas —; no lugar de fórmulas e liturgias sinistras para evocar os Espíritos, uma simples oração; no lugar de templos e altares, uma casa familiar, um salão de festa comum ou uma sombra de uma árvore, ao ar livre; no lugar de apetrechos esdrúxulos, no máximo uma mesa, um tabuleiro com o alfabeto ou qualquer utensílio doméstico.

A comunicabilidade dos mortos é um dos fundamentos do Espiritismo, até porque este é consequência daquela atividade; a Doutrina Espírita surgiu precisamente da intervenção dos Espíritos mensageiros do Cristo que vieram trazer a Terceira Revelação. O intercâmbio entre encarnados e desencarnados faz parte do plano divino para a espiritualização da Humanidade, tendo como primeiro efeito prático a evidência da sobrevivência da alma além-túmulo; essa interação se dá de forma natural, em acordo com as leis da natureza, fora de qualquer concepção



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

de algo sobrenatural, místico, mágico, milagroso ou de coisas afins.

"No seu significado inicial e pela sua etimologia, o termo milagre significa coisa extraordinária, coisa admirável de se ver. Mas como tantas outras, essa palavra se afastou do seu sentido originário e hoje significa (segundo a Academia de Ciência) um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza. De fato, esse é o seu significado usual e ela é aplicada apenas por comparação e por metáfora às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa se desconhece. De nenhuma forma entra em nossas cogitações questionar se Deus tem julgado útil revogar as leis que Ele próprio estabeleceu, em certas circunstâncias; nosso fim é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritas – por mais extraordinários que sejam – de maneira alguma derogam essas leis, que não têm nenhum caráter de miraculosos, do mesmo modo que não são maravilhosos ou sobrenaturais"

- Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns* – cap. II, item 15.

Contudo, conforme os preceitos do Espiritismo, e diferenciando-se essencialmente da necromancia, a atividade de comunicar-se com os mortos (Espíritos) deve ser isenta de interesses mesquinhos e objetivar valores espirituais, conforme nos diz Allan Kardec:

"A proibição de Moisés era bastante justa porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de

respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares."

- *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec - 1ª parte, cap. XI, item 4.

As instruções mais seguras sobre como evocar, sobre as perguntas que podemos fazer aos Espíritos, sobre os inconvenientes e perigos dessa interação com o mundo espiritual e demais assuntos relacionados à mediunidade, nós encontramos basicamente em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

Necromancia e obsessão

Obviamente, a mediunidade não é um patrimônio do Espiritismo, pois a comunicação com os mortos é de todos os tempos da História da Humanidade. Deus permite o intercâmbio espiritual das mais variadas qualidades, inclusive como prova e expiação. Desta maneira, e em acordo com a lei de afinidade, a evocação de mortos objetivada por interesses negativos, mesquinhos e por qualquer futilidade pode constituir um princípio de relacionamento obsessivo com entidades espirituais que se aprazem com frivolidades, cujas consequências podem ser mais ou menos graves.

Aqueles que brincam com as evocações ou os que praticam a necromancia, visando a vantagens menos ou nada nobres estão muito próximos de atrair a

presença de Espíritos zombeteiros, que, a exemplo de qualquer gaiato ou charlatão encarnado, então procurará se aproveitar da situação para se divertir:

"(...) Aquele a quem os Espíritos mistificam geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto para distinguir da impostura a verdade.

Além disso, muitos só veem no Espiritismo um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para predizer a sorte de cada um. Ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem ocasião de se divertirem à custa dos que pensam desse modo. É assim que anunciarão maridos às moças; ao ambicioso prometerão honras, heranças, tesouros ocultos, etc. Daí, muitas vezes, desagradáveis decepções, das quais, entretanto, o homem sério e prudente sempre sabe se preservar."

- Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns* – cap. III, item 25

Essa relação frívola acaba por estabelecer assim um caso de obsessão simples, mas que pode progredir para processos mais complexos e mais nocivos para ambos.

Referências

- *O Livro dos Médiuns* (Allan Kardec).
- *O que é o Espiritismo* (Allan Kardec).
- *A História do Espiritualismo* (Arthur Conan Doyle).



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhado e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

HIV-Aids: considerações espíritas

Gabriel Lopes Garcia

O Dia Mundial de Combate à Aids, celebrado em 1º de dezembro, foi criado em 1987 pela Assembleia Mundial de Saúde, da Organização das Nações Unidas (ONU), como forma de unir forças no enfrentamento da doença causada pelo vírus HIV. No Brasil, estima-se que, atualmente, um milhão de pessoas vivem com HIV, segundo informa o *site* do Ministério da Saúde. Destas, 900 mil conhecem seu diagnóstico.

Portanto, o *Dia Mundial de Combate à Aids* reforça a necessidade de avanços científicos no combate à doença, como também destaca o papel do acolhimento e da solidariedade às pessoas infectadas pelo HIV. Nesse aspecto, o meio espírita precisa dar a sua colaboração para a sociedade, a começar pela revisão crítica de mitos difundidos em seus livros e palestras.

Há uma abordagem moralista da sexualidade humana fortemente estabelecida no movimento espírita brasileiro hegemônico, federativo e institucionalizado. Camuflam-se em certas “explicações” o preconceito e a discriminação contra as pessoas vivendo com HIV. Médiuns e oradores muitas vezes têm sido levianos em suas abordagens, reforçando estigmas, espalhando desinformação e inventando supostas causas espirituais da Aids.

Vamos analisar dois mitos espíritas sobre HIV-Aids, aqueles que mais circulam e são continuamente reforçados. Mostraremos que carecem de lógica e de fundamentação doutrinária.

1º) A Aids é um meio de correção moral pela dor, pelo temor e pela morte do próprio homem.

Segundo esse raciocínio, as vítimas da Aids devem estar resgatando dívidas do passado, a doença teria finalidades corretivas nos chamados “grupos de risco”. Esse mito demonstra como a mentalidade punitivista e severa é popular no meio espírita brasileiro. É o Deus do Velho Testamento em pleno vigor. Reparem a ênfase no medo como suposto método para corrigir o comportamento do Espírito. Isso é puro suco de religiosidade medieval.

Aprendemos em nossas experiências de passadas reencarnações que o temor a severas punições, como doenças infecciosas enviadas como pragas pelo Criador, são inúteis para moralizar as pessoas. Serve apenas como instrumento para as religiões dominarem as massas e, na prática, gera culpa, recalque e hipocrisia. Ameaçar com o medo de doenças incuráveis nunca fez as pessoas efetivamente se transformarem para melhor. O uso desta emoção em nada contribui para a educação moral da criatura.

E desde quando uma possível morte decorrente da Aids operaria a façanha de corrigir moralmente alguém? Os espíritas devemos ser os primeiros a refutar isso, pois temos contato mediúnico regular com os “mortos”. Conversamos com os Espíritos e observamos que conservam a sua individualidade no retorno ao mundo espiritual. A morte não opera transformação moral, muito pelo contrário. O que vemos são os Espíritos com as mesmas

características comportamentais de quando estavam encarnados.

Finalmente, segundo a filosofia espírita, a dor de uma doença, por si só, não é capaz de fazer nenhuma correção moral. O Espírito progride somente quando usa da sua vontade para modificar algum comportamento inadequado. A dor serve para desgostá-lo da sua imperfeição moral, estimulando a alma, pela amargura, a curvar sobre si mesma. Vincular causalmente a Aids e suas possíveis dores com a correção moral da criatura não se sustenta na observação das diferentes formas com que as pessoas lidam com o HIV e suas consequências.

2º) Trata-se de um vírus originado de miasmas fluídicos vindos de regiões espirituais trevosas, que foi materializado devido à libertinagem, à promiscuidade moral-sexual do homem.

De acordo com esse modo de raciocinar, HIV-Aids é resultado da falta de higiene e do desregramento moral da humanidade. Logo, a doença teria como finalidade fazer a sociedade voltar ao equilíbrio dos atos, ao comedimento das formas e ao respeito contra a libidinagem. A natureza fez criar o vírus da Aids para alertar aos povos do mundo para o verdadeiro sexo, com amor, com desejo e dentro das sabidas leis naturais.

Este talvez seja o mito mais difundido, pois mobiliza o discurso moralista tão presente no meio espírita brasileiro. Além disso, baseia-se nas mistificações mediúnicas tão ao gosto dos espíritas, que adoram “explicações” espirituais para



Breve história de todos nós – Uma síntese do tema Evolução e Espiritismo (2014)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa e Lyderson Viccini

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



Maco, o prego feliz (2013)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

tudo, incluindo as doenças. É uma invenção que atende aos padrões de fiscalização moral rigorosa sobre corpos e condutas sexuais, e apela às narrativas espirituais sobre as origens das situações complexas do mundo material.

Começamos a contra-argumentar pelo óbvio: essa doença é resultado das leis biológicas que governam a vida corporal. O vírus HIV é transmitido: por meio de relações sexuais (vaginal, anal ou oral) desprotegidas (sem camisinha) com pessoa soropositiva, ou seja, que já tem o vírus HIV; pelo compartilhamento de objetos perfurocortantes contaminados, como agulhas, alicates etc.; de mãe soropositiva, sem tratamento, para o filho durante a gestação, o parto ou a amamentação.

O HIV se multiplica no organismo, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças, destruindo as células de defesa (os glóbulos brancos). Quando esse exército natural do corpo humano está bastante diminuído, estabelece-se a Aids, que é a Síndrome da Imunodeficiência Humana, caracterizada pelo enfraquecimento do sistema de defesa do corpo e pelo aparecimento de doenças oportunistas. Portanto, essa doença é resultado apenas das leis biológicas ou hereditárias que regulam a vida do corpo humano.

Paira no meio espírita brasileiro um fetiche sexual, que mereceria uma psicanálise, com a região espiritual denominada umbral. É falso dizer que o vírus se originou em regiões trevas do mundo espiritual. Quem faz uma afirmação tão categórica desse tipo tem a obrigação de mostrar as provas que a sustentem. Onde estão as evidências? Como um *vírus do além* se “materializou”? É um tipo de pensamento mágico sem suporte no Espiritismo; a Doutrina respeita o saber científico. Essa mistificação atende aos anseios infantis por explicações sobrenaturais e instrumentaliza as perseguições e as discriminações contra as pessoas vivendo com HIV.

Mais ainda, afirma-se que esse “salto” do vírus entre os planos da exis-

tência se deu para frear a libertinagem sexual. Essa crença se baseia na idealização do passado. Nesse *conto de fadas sexual*, só recentemente a humanidade começou a praticar exageros do sexo e surgiram pessoas promíscuas. Nos milhares de anos anteriores, éramos super bem comportados, recatados e castos. Os mais exaltados alegam que vivemos hoje uma perigosa “inversão de valores”.

Um mínimo de estudo da história e de conhecimento do Espiritismo mostra que esse discurso é raso como um pires. Sabemos que os abusos em torno do sexo são praticados desde os tempos primevos. Antigamente, os excessos eram praticados na surdina, às escondidas. A moral religiosa repressora tinha amplo alcance e as pessoas usavam de subterfúgios para viver as suas experiências sexuais tentando fugir aos olhos controladores das igrejas.

Essa contraposição com um passado virtuoso imaginário é uma forma de tentar enganar-se e de mentir para a sociedade sobre comportamentos éticos e sexualidade equilibrada, que de fato não existiram. A visão idealizada do passado também é uma estratégia reacionária que dá munição contra a conquista de direitos das pessoas LGBTQIA+. Nessa perspectiva, o “aidético”, o “viado”, o “traveco” são promíscuos por natureza e espalham doenças.

Finalmente, o maior equívoco é um dos mais difundidos e aceitos no meio espírita. A crença de que doenças graves são ferramentas criadas pelo poder transcendente (Espíritos superiores, por exemplo) para frear a libertinagem sexual das pessoas. No entanto, nenhuma infecção sexualmente transmissível mudou comportamentos de risco nem eliminou a promiscuidade. Nem a Aids terá esse efeito. Insistimos, as mudanças morais ocorrem gradualmente, segundo a vontade dos Espíritos.

Em tempos de sofrimentos provocados por doenças altamente contagiosas, abundam as explicações de cunho sobrenatural, especialmente nos meios religiosos. O mesmo se verifica nos

espiritismos brasileiros. O discurso moralista se acentua, pelo medo da perspectiva da morte e das sequelas, e muitos se iludem sobre a transformação moral da humanidade. A pandemia de COVID-19, por exemplo, mostrou fartamente a ilusão dessa crença. HIV-Aids não é punição divina devido aos nossos excessos sexuais nem irá mudar magicamente o comportamento sexual das criaturas.

Concluindo, entendo que os movimentos espíritas têm o dever de corrigir os mitos e as desinformações que ainda propagam para os seus adeptos. Não raro, distorcem elementos do Espiritismo para disfarçar os seus preconceitos. Isso reforça estigmas e discriminações contra as pessoas convivendo com HIV-Aids. Nosso papel social e espiritual deve ser exercido com responsabilidade, baseado em respeito, conhecimento científico e caridade. Nossas instituições precisam se comprometer com o acesso às informações corretas sobre o tema, e seriedade no trato com as informações de origem mediúnica.

Precisamos transitar para novas concepções de sexualidade, abandonando crenças punitivistas dos chamados pecados da carne. Somos Espíritos aprendendo a lidar com a nossa sexualidade nas diversas experiências, incluindo HIV-Aids. Cometemos ainda muitos erros e excessos, e sofremos as consequências de escolhas ruins. Nesse processo, vamos nos elaborando, aprendendo a equilibrar nossa dimensão sexual e a usá-lo de modo frutuoso. Não creio que alguém possa se levantar como um paladino de moral e apontar o dedo para os outros, principalmente no âmbito da sexualidade.

Referência

A construção sociocultural da sexualidade e do HIV-Aids no espiritismo kardecista brasileiro. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Autor: Marmolejo, Javier Gutiérrez. Acesse o trabalho no site da UFSC: [<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90726>]

Prece pela Paz

Preah Maha Ghosananda



Fonte: FSTPNET.

Naqueles que guardam pensamentos de repúdio e vingança em relação a outros, o ódio nunca cessará. Naqueles que não guardam pensamentos de repúdio e vingança em relação a outros, o ódio seguramente cessará.

Pois o ódio nunca é apaziguado pelo ódio. O ódio é apaziguado pelo amor. Esta é a lei eterna. Assim como uma mãe protegeria seu único filho, mesmo sob o risco de sua própria vida, que se cultive também um coração sem fronteiras por todos os seres.

Que os pensamentos de amor se alastrem por todo o mundo – acima, abaixo e através, sem nenhuma obstrução, sem nenhum ódio, sem nenhuma inimizade. Tanto quanto alguém estiver acordado, que ele mantenha esta atenção plena. Isto é obter o estado abençoado nesta própria vida.